

A POPULAÇÃO NEGRA NAS FOTOGRAFIAS ESCOLARES NOS TEMPOS DOS SOARES LOPES (1910-1990): CIRCULARIDADE E ACELERAÇÃO

v. 12 n. 24 (2024): BILROS 2024.1

LÁZARO VASCONCELOS OLIVEIRA

Universidade Estadual de Santa Cruz, Bolsista no programa de Iniciação científica (ICB-UESC). Graduando em ciências sociais pela Universidade Estadual de Santa Cruz. Integrante do Grupo de pesquisa em Política e História da Educação (GRUPPHED) como bolsista no projeto A população negra nas fotografias escolares em Ilhéus nos tempos dos Soares Lopes 1910-1990. E-mail: lvoliveira.cso@uesc.br

CRISTIANE BATISTA DA SILVA SANTOS

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Professora do Departamento de Ciências da Educação- DCIE e do Programa de Pós-Graduação em Educação- PPGE - Grupo de Pesquisa em Política e História da Educação- GRUPPHED. E-mail: cbsantos@uesc.br

A POPULAÇÃO NEGRA NAS FOTOGRAFIAS ESCOLARES NOS TEMPOS DOS SOARES LOPES (1910-1990): CIRCULARIDADE E ACELERAÇÃO

THE BLACK POPULATION IN SCHOOL PHOTOGRAPHS IN THE TIMES OF SOARES LOPES (1910-1990): CIRCULARITY AND ACCELERATION

Lázaro Vasconcelos Oliveira

Cristiane Batista da Silva Santos

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar as fotografias escolares e identificar a presença da população negra e de intelectuais negros da população de Ilhéus nos tempos dos Soares Lopes (1910 -1970) para a produção de *cards* didáticos a partir do material coletado nos jornais do Centro de Documentação e Memória Regional. Problematisa-se o apagamento da população negra através da bibliografia selecionada em bancos de dados das principais revistas de história da educação, sendo a Revista Brasileira de História da Educação; Revista História da Educação; Cadernos de História da Educação; Revista Práticas Educativas, Memórias e Oralidades, e como o uso das fotografias em acervos documentais, pode ser usado para a confecção de *cards* didáticos que servem como importante instrumento para uma educação antirracista, através da divulgação de intelectuais negros do sul da Bahia em um contexto de aceleração das mídias sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Intelectuais negros. História da Educação. Soares Lopes. Aceleração.

ABSTRACT

This paper aims to analyze school photographs and identify the presence of the black population and black intellectuals from the population of Ilhéus in the time of Soares Lopes (1910-1970) for the production of educational cards from the material collected in the newspapers of the Regional Documentation and Memory Center. The erasure of the black population is problematized through the bibliography selected in databases of the main history of education magazines, namely the Brazilian Journal of History of Education; History of Education Magazine; History of Education Notebooks and Educative Practices, Memories and Oralities Magazine, and how the use of photographs in documentary collections can be used to make educational cards that serve as an important instrument for anti-racist education, through the dissemination of black intellectuals from southern Bahia in a context of acceleration of social media.

KEY WORDS: Black intellectuals. History of Education. Soares Lopes. Acceleration.

INTRODUÇÃO

Du Bois (2021, p. 21) ao estudar as dimensões subjetivas e objetivas do povo negro, questiona com a antológica frase “como é sensação de ser um problema?”¹, a historiografia da população negra tem tomado novos rumos desde a virada do último século, contexto da inquietação deste intelectual negro. No campo de debate da história da educação, às recentes pesquisas em torno dessa população, expressam uma gama ainda crescente de estudos e mapeamentos em vários Estados e sua luta pelo acesso a educação por meio de escolas rurais e urbanas do Brasil desde o pós-abolição.

Sirinelli (2003, p. 194) argumenta que “o principal obstáculo encontrado pela história da opinião pública é o dos meios”, posicionando o papel da imprensa local como ponto chave para debruçar-se sobre as fontes históricas e “extrair uma abordagem quantitativa e qualitativa”², dessa forma, em contextos de liberdade de imprensa, documentos históricos como jornais são “o testemunho de época” Sirinelli (2003, p. 197) para essa pesquisa.

O sul baiano e a cidade de Ilhéus foram marcados por uma intensa influência religiosa, fruto do desejo patrimonialista dos coronéis da cacauicultura e poder disciplinador em expansão da igreja católica. A educação nesse contexto perpassou por intensas transformações do modo de vida no pós-abolição, omitindo na formação da narrativa hegemônica a história de intelectuais negros, escravos e libertos à sua margem. Usa-se a abordagem de Gomes; Hansen (2016) acerca do que seria um *intelectual*, privilegiando intelectuais mediadores, já que:

Tais sujeitos podem e devem ser tratados como atores estratégicos nas áreas da cultura e da política que se entrelaçam, não sem tensões, mas com distinções, ainda que historicamente ocupem posição de reconhecimento variável na vida social. (GOMES; HANSEN, 2016, p. 10).

Dessa forma, a pesquisa consistiu no levantamento bibliográfico para análise metodológica documental, predominantemente na imprensa, no Centro de Documentação e Memória Regional (CEDOC). Após a coleta de campo dessas imagens, aportadas de uma revisão bibliográfica anterior, foi posteriormente realizado um levantamento bibliográfico nas principais revistas de História da Educação, sendo: Revista Brasileira de História da Educação,

¹ DUBOIS, 2021, p. 21.

² SIRINELLI, 2003, p. 197.

Revista História da Educação, Cadernos de História da Educação e na Revista Práticas Educativas, Memórias e Oralidades. Como resultado, essas coletas foram transformadas em cards didáticos e divulgadas em rede social instagram através da página história e intelectuais negros no sul da Bahia (@hisb_educacao).

METODOLOGIA

A pesquisa foi dividida em uma tríade: primeiro no levantamento bibliográfico para análise metodológica documental, predominantemente na imprensa, no centro de documentação abrangendo o período do mês outubro de dois mil e vinte e três até março de dois mil e vinte e quatro. Posteriormente foi realizada a digitalização das imagens, então a partir disso feita uma organização pelo pesquisador na produção virtual de *cards* didáticos e sobre o tema, mas com enfoque principalmente abordada por Santos (2009; 2011; 2019; 2023). Em relação à construção do objeto, foram realizados dois movimentos: a coleta documental e a partir dos cards, uma “redefinição” da fonte encontrada, uma releitura, transformando a pesquisa documental em ferramentas pedagógicas virtuais. No que se refere à tarefa artesã dos cards, Bordieu argumentou que:

Não é possível evitar a tarefa de construir o objeto sem abandonar a busca por esses objetos pré-construídos, fatos sociais separados, percebidos e nomeados pela sociologia espontânea ou “problemas sociais” cuja pretensão a existirem como problemas sociológicos é tanto maior na medida em que têm mais realidade social para a comunidade dos sociólogos. (BORDIEU, 2010, p. 45).

E, portanto, no que tange a população negra e a sua histórica inserção no sul da Bahia, argumenta Santos (2011) que:

As recentes pesquisas sobre identidade étnica no Brasil e na Bahia possibilitam responder a muitas questões relacionadas aos mecanismos utilizados pelos diferentes sujeitos no complexo processo de escravidão. Porém, mesmo considerando a importância das pesquisas realizadas até o momento, especialmente referentes ao sul baiano, verificasse que ainda são escassos os trabalhos dedicados aos sujeitos que protagonizaram processos cotidianos de resistência, recriação e reinvenção de culturas na Bahia, como os escravos, libertos e livres pobres do século XIX, que viviam no interior da província. (SANTOS, 2011, p. 2).

Amorim (2018) aborda a problemática da pesquisa nas ciências humanas sob a égide da análise linguística de Bakhtin para argumentar que a questão enunciativa está imbricada no paradigma da cena. Assim, autores com enfoque no discurso:

Passam a buscar uma compreensão do fenômeno da linguagem não mais centrado apenas na língua, sistema ideologicamente neutro, mas num nível situado fora desse polo da dicotomia saussuriana. E essa instância é o discurso. (BRANDÃO, 2012, p. 11).

A cena é o espaço pelo qual opera o aparelho formal de enunciação, a autora parte do pressuposto de que o objeto e a produção das ciências humanas é o discurso³, e por sua vez o discurso funciona por uma ambiguidade da qual argumenta Bakhtin, ser possível como o mecanismo da cisão entre fala e linguagem. A fala como código operante do que esse autor chamou de dialogismo, da qual entende a linguagem como um encontro, um diálogo que tem como fundamentação uma estrutura que parte de um eu *sine qua non* em relação com o outro, isto é, como estruturas indissociáveis. A autora nos apresenta a problemática da dupla-inversão, um problema recorrente na linguística por tratar das categorias de enunciado e objeto e, por suas inversões de posição, ela discorre sobre como o aparelho formal de enunciação ultrapassa a força gramatical do (eu-tu) e a lógica presumida da língua e da fala. A cena, esse espaço fundamentado pelo estado interativo, da qual também o objeto; aquele que não fala e não pode falar, consegue interagir por meio do diálogo entre interlocutores (o ele):

Podemos então dizer que as ciências humanas se situam entre o demonstrar e o narrar, o que em nada facilita o trabalho do pesquisador. Como vimos, esse lugar do entre corresponde a uma cena enunciativa em que o ruído como voz do tu não está excluído. Ao contrário, mesmo situado na posição de objeto, ele não para de fazer proliferar os sentidos e de alterar o percurso do pesquisador. (AMORIM, 2018, p. 22).

Amorim (2018) apresenta esse enigmático outro na especificidade da pesquisa através do conceito de objetos falantes, argumentando que o papel do pesquisador é: “fazer o objeto falar”, como também defendeu o historiador Bloch (2001, p.39) ao argumentar que: “Os documentos arqueológicos mesmo, os aparentemente mais claros e mais complacentes, não falam”.

³ Ver também BRANDÃO, 2012.

E no que concerne este debate, a pesquisa da população negra em documentos históricos neste artigo parte de um recorte regional específico, visando o mapeamento em que, de acordo com Santos (2011, p. 2) “É relevante mencionar o litoral sul baiano a partir da perspectiva de sua experiência com a escravidão e, assim, desvelar as heranças africanas presentes nessa região”. É a partir do problema do racismo curricular⁴ e no apagamento histórico das narrativas hegemônicas nos meios de comunicação da época dessas fotografias (1910-1990), que será feita uma análise discursiva da construção da circularidade e representação da população negra, da qual Santos (2023, p. 5) argumenta que: “Tal revisão, portanto, dá robustez à ideia de que embora não se constitua uma excepcionalidade, as famílias negras e os docentes intelectuais nas primeiras décadas do Brasil Republicano, sobretudo na Bahia, em Ilhéus, permanecem na invisibilidade”.

Após a coleta de campo dessas imagens, aportadas de uma revisão bibliográfica anterior, foi posteriormente realizado um levantamento bibliográfico nas principais revistas de história da educação, sendo: Revista Brasileira de História da Educação, Revista História da Educação, Cadernos de História da Educação e na Revista Práticas Educativas, Memórias e Oralidades. Foram usadas as palavras-chave como descritores de busca: Fotografias escolares, Negros fotografias, População negra fotografias e negros.

Para estabelecer os critérios de exclusão de artigos, alguns aspectos específicos foram adotados. O primeiro foi de limitar o recorte histórico entre os anos de 1910 e 1990, pois esse período é crucial para entender as dinâmicas educacionais ao longo do século XX. Foram selecionados artigos que têm um foco claro na população negra e/ou no mapeamento de intelectuais negros. Artigos que não tratam diretamente desses temas como principais foram excluídos para manter o alinhamento com os objetivos específicos da pesquisa. Outro critério importante foi à inclusão de artigos que discutem o uso de fotografias na educação, especialmente se estiverem relacionados à população negra ou à História educacional dessa população. Nesse sentido foram excluídos artigos cujo foco principal era a fotografia como arte

⁴ Refiro-me ao debate suscitado pela professora Cristiane Batista da S. Santos em vídeo, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=HMd19sQkpbQ&ab_channel=Popula%C3%A7%C3%B5esNegrasparasaladaula-CristianeBat. Estas falas estão também no capítulo do livro ebook : https://ifbaiano.edu.br/portal/extensao/wp-content/uploads/sites/4/2021/08/E-book-Baixo-Sul_REAFRO.pdf, Baixo Sul da Bahia: território, educação e identidades [recurso eletrônico] / 2021 Nelma Barbosa, Scyla Pimenta (orgs.). - 1. ed. - Curitiba : Appris, 2021. AFRICANAS EM DIÁSPORA E SILÊNCIO CURRICULAR NO BAIXO SUL DA BAHIA . Cristiane Batista da Silva Santos.

visual e outros meios de mídia, como cinema e outros que não tinham uma conexão direta com a educação ou com a população negra.

Entre os artigos selecionados estão o artigo de Fonseca (2012) e Araújo; Soares (2019) que debatem e problematizam questões voltadas à história da educação, ensino escolar e relações étnico-raciais, o de Leal (2020) e Santos (2022, 2023) que investigam a História da educação a partir de intelectuais negros e seus papéis em diferentes regiões da Bahia, desde o sertão até o sul baiano nos tempos dos Soares Lopes, destacando como os contextos geográficos distintos influenciam as práticas educacionais e os desafios enfrentados na *circularidade cultural*⁵ e sociabilidade desses intelectuais.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

No artigo de Araújo; Soares (2019), os autores problematizam os efeitos da colonização revisando as obras de Abdias Nascimento e Frantz Fanon e em como “a sociedade se enxerga e pensa a partir da branquitude, e como podemos romper com isso?”.⁶ Essa problemática da qual também sintetizou muito bem Fonseca (2012) ao analisar as concepções historiográficas que durante muito tempo:

Não foi absorvida pela história da educação que, apesar de ter modificado significativamente seus padrões de análise, continua a conviver com uma visão tradicionalmente construída sobre a população negra. Isso pode ser constatado a partir da forma como a história da educação tratou a relação entre os negros e a escola, que, em geral, é concebida como um espaço onde a presença deles é considerada praticamente nula, ou algo esporádico e casual. (FONSECA, 2012, p. 15).

A problemática da invisibilidade exposta por Fonseca (2012) pode ser interpelada através de pesquisas minuciosas em micro-histórias de figuras que no geral não são representados comumente, como os intelectuais Deoclecio Ramiro Alves da Silva (1889-1927), Manuel Quirino (1851-1923) e a família de negros e negras Soares Lopes (1910-1990) mapeados por autoras como Leal (2020) e Santos (2022, 2023). O debate emergente da sociabilidade e do que em geral está no imaginário social e representado pelos jornais de épocas é realocado e expressa novos desafios nos paradigmas atuais de ampliação desses vestígios,

⁵ GINZBURG, 2010.

⁶ ARAÚJO; SOARES, 2019.

tendo como referência Ginzburg (2010) no seu livro homônimo “O queijo e os vermes” (1939), o conceito de *circularidade* é usado para designar a relação contínua entre as formas da cultura das classes dominantes e a cultura popular do século XVI. Essa dinâmica que funciona pelo ciclo de influência e retroalimentação entre os espaços de circulação desses intelectuais, produz o que o autor chama de *circularidade cultural*, que também pode explicar a persistência e a transformação das práticas culturais que podem ser adaptadas a novos contextos sociais e tecnológicos, mas continuam a manter elementos de sua forma original, como na produção de *cards* didáticos para um letramento racial crítico, tendo em vista o paradigma da invisibilidade pelos autores supracitados.

Nesse mesmo sentido, Certeau (2008) contribui para o diálogo proposto, pois no conceito de tática, aborda a bifurcação pelas quais os indivíduos e grupos que não possuem o controle institucional sobre o espaço ou o tempo usam sua criatividade como *mediadores culturais* para subverter essas estruturas. Táticas, são as formas de resistência e adaptação que surgem na prática cotidiana, criando entre essas trocas circulares, como no caso dos Soares Lopes em Ilhéus, uma operação dinâmica entre poder e resistência na formação da sociedade Ilheense, “[...] todo grupo de intelectuais organiza-se a partir de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades que alimentam o desejo e o gosto de conviver” (Sirinelli, 2003, p. 246 apud Santos, 2022, p.10), ou como ressalta Leal (2020):

As trajetórias de indivíduos, na perspectiva do método biográfico, são caminhos que produzem resultados significativos para a revisão de parâmetros relativos aos intelectuais na história. Especialmente em se tratando de estudos históricos de intelectuais negros como pensadores e produtores de conhecimentos a partir das suas origens de classe e raça, cuja lacuna ainda está presente nos estudos da história e história da educação das populações negras no Brasil e na Bahia. (LEAL, 2020, p.3).

A complexa rede de sociabilidade desses intelectuais foge do assédio canônico da imagética ou da forma do que consideramos um intelectual: em geral um homem branco europeu. A desconstrução dessa imagética torna-se desafiadora quando expandida para toda uma população de intelectuais da qual tratamos aqui, já que a figura do intelectual assumida nessa pesquisa:

São produtores de sentidos de forma lata (não há receptor/consumidor/leitor/espectador que seja passivo), e havendo, é certo,

aqueles identificados como intelectuais criadores de bens culturais, por que os mediadores não estariam incluídos nessa mesma dinâmica de produção de sentido e de valor? Por que seus esforços, buscando colocar os bens culturais em contato com grupos sociais mais amplos, formando públicos, “criando” novos produtos culturais ou novas formas de comunicação e aproximação de produtos culturais conhecidos, são vistos de forma tão desvalorizada e até negativa?. (GOMES; HANSEN, 2016, p. 17).

Certeau (2008) também questiona como na operação historiográfica, os agentes estão situados sob as condições de possibilidade do lugar, onde se reproduz a história passada e atual. Para o autor, pesquisar atores históricos, envolve na ambiguidade dessa operação, uma divisão entre o que ele chama de historiografia desencarnada, que perpassa pelo ramo do "dizer", "narrar" e não considera às condições de emergência e bifurcações do outro narrado, e a historiografia folclorista, que se afasta criticamente dessa operação esvaziada da produção canônica da desencarnação, rompendo com o mero "narrar", e apontando para um “fazer história”, que engendra entre o contexto do lugar, um conjunto de práticas de resistência.

Portanto, a pesquisa documental no CEDOC com a produção de cards didáticos em mídia social, perpassa por este fazer história, incidindo tanto na produção de narrativas da marginalizadas pelos poderes hegemônicos da história local, e nos desafios atuais da operação historiográfica, que estão em consonância com a construção de uma educação antirracista no contexto da lei 10.639/2003, incidindo na ciência da educação, como argumenta Saviani (2011, p.121) “agentes ativos no processo de desenvolvimento e transformação das relações humanas”.

O MAPEAMENTO DA POPULAÇÃO NEGRA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS ATUAIS

É possível encontrar em figuras históricas, representações de fontes volumosas e substanciais respostas para uma análise histórica demarcada pela virada temporal representada pelas marcas sociais de seu tempo. Ilhéus é demarcada por uma educação religiosa, fruto do desejo patrimonialista dos coronéis da cacauicultura e poder disciplinador da igreja católica, a educação nesse contexto:

Como já foi dito, era uma preocupação da classe dirigente, por isso, a escola constituiu-se num veículo de controle direto (moralizador e disciplinador) em

vários setores da vida social, especialmente para os filhos dos extratos sociais abastados. (SILVA, 2004, p. 56).

O referencial teórico usado para essa pesquisa parte da projeção que visa remediar um dos principais problemas em relação à representação dos intelectuais negros em fontes como jornais, revistas e memoriais de época, exposta na problemática da forma, principalmente quando falamos na:

Ausência da cor dos professores na Bahia Imperial e República foi indicativo de um dilema racial em que a cor serviria para qualificar ou desqualificar um sujeito. Neste jogo de esconder e mostrar, as fontes como os Jornais e Relatórios do Governo, identificavam sujeitos quando fossem convenientes à narrativa. (SANTOS, 2022, p. 2).

Definir quem é negro ou até encontrá-los em jornais da época de 1910 a 1990 é uma tarefa difícil, o que aponta para o primeiro padrão na coleta da pesquisa de IC, as fotografias encontradas são de pessoas não negras, e os negros quando citados, ficam a mercê de narrativas racializantes.

O segundo aspecto importante é que as fotografias são comumente analógicas e monocromáticas em tons de cinza, ou em preto e branco, o que cria um grande obstáculo epistemológico para o pesquisador.

O racismo curricular, como aponta Santos em vídeo didático no youtube no canal “Populações negras para sala de aula“, é um terceiro grande obstáculo. O racismo curricular é a ausência do letramento racial entre o que é ensinado e elaborado nas grades dos currículos acadêmicos e escolares, que reproduz o que Sodré bem define como “duplo vínculo”, que é nada mais que a dissimulação do racismo brasileiro, como no caso emblemático da queima dos arquivos da escravidão no Brasil em 13 de maio de 1891, de acordo com Muniz Sodré, essa dissimulação que parte da estrutura do Estado na configuração da preservação das estruturas históricas patrimonialistas e militares, produziu barreiras endocoloniais, que cria fronteiras sociais internas, que reproduziu nos costumes brasileiros práticas discriminatórias na hierarquização social da cultura, como reafirma o sociólogo:

No Brasil, a forma social escravista não é nenhuma “essência” da escravidão, e sim a reconstrução como forma expressiva de uma realidade desejada por elites dirigentes. Trata-se do mecanismo adequado à transmissão da

senhorialidade e da fidalguia. A forma está no conceito do fenômeno corretamente observado, que se constitui num ponto essencial do movimento de pensá-lo. Não se confunde, entretanto, com o conceito: a forma induz intuitivamente a um “clima” social concreto e extensivo a todos, porque compõe uma sensibilidade coletiva – por meio de elementos visuais, auditivos e táteis – que serve de base ao senso comum e é capaz de produzir um conhecimento inseparável da atividade e da afetividade. (SODRÉ, 2023, p.93, 94).

Sociólogos como Muniz Sodré e Silvio Almeida entenderam brilhantemente a natureza do racismo brasileiro, dando ênfase à fundamentação pela qual percorre a categoria de raça. Para Sodré a pós-abolição culminou em uma dissimulação que intensifica o racismo e bane a estrutura, essa estaria ligada ao mandar fazer (mandonismo) institucional do Estado na configuração da preservação das estruturas históricas institucionais. No livro *O fascismo da cor* (2023), para o sociólogo o Brasil desenvolve no pós-abolição uma intensificação do racismo, criando uma “casa-grande sem senzala visível”, em que se mantém a forma da escravidão, ele argumenta que: “A palavra “estrutura”, como já ressaltamos, supõe um enquadramento lógico com interdependência e coerência institucionais ou mesmo burocráticas no âmbito da sociedade civil contemporânea”⁷, nesse sentido, o racismo no Brasil perpassa do âmbito relacional, que sai do Estado e vai para relações, na construção das intersubjetividades, é exemplo a:

Figura do “coronel” nordestino, um misto de autoritarismo com senhorialidade (ou “mandonismo”), que pode ser lido como um traço psicossocial da fusão imaginária da força armada com o poder fundiário, portanto, da permanência de um aspecto da forma escravista. A senhorialidade é a expressão externa da desigualdade racial e social, assegurada pela forma escravista. (SODRÉ, 2023, p. 32).

A precisão de Sodré (2023) é atrativa para este artigo, já que sua perspectiva parte de uma intensificação do problema, de um racismo escondido. Nitidamente podemos apontar como no exemplo da constituição de 1934⁸ sobre educação brasileira baseada na eugenia e política de cotas para imigração, mecanismos racistas nítidos que operavam no seio institucional. Sodré deu um grande passo na torção da possibilidade de análise das construções

⁷ SODRÉ, 2023, p. 42.

⁸ BRASIL, 1934.

sociais (instituições) que buscam no apagamento do corpo negro seu controle político. Ou como bem estabeleceu Santos (2011) ao afirmar que:

No campo da etnicidade, pesquisas nesse viés encontram espaço discursivo como o aqui proposto, aliando identidade e o sentido de pertencimento dos escravos de Marauá, como discute Manuela Carneiro da Cunha ao enfatizar que Max Weber já havia indicado que as comunidades étnicas podiam ser formas de organizações eficientes para resistência ou conquista de espaços, ou seja, eram formas de organização política. (CUNHA, 1979 apud SANTOS, 2011, p.3).

Pensar o corpo como uma potência política, tal quanto seu controle, insere no movimento desses intelectuais negros uma sociabilidade que carrega consigo uma bagagem de multiculturalidades e redes complexas de trocas e táticas de resistência aos poderes locais.

ACELERAÇÃO, MÍDIAS E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

O uso das mídias sociais e digitais para educação tornou-se um instrumento presente no desafio imposto pela era digital, todos os sentidos estão captados pelo mundo virtual, a atual situação posiciona a educação e, sobretudo a educação antirracista em um intenso desafio de inserção das práticas educativas para comunidade externa às pesquisas, e na educação prática.

O sociólogo Harmut Rosa no livro *Aceleração: A transformação das estruturas sociais na modernidade* (2019) parte da ideia de que as estruturas sociais modernas sofrem um processo de *aceleração*, o autor busca como e quando a temporalidade se modifica na modernidade e se torna um problema, para elaborar uma boa definição da aceleração social sem necessariamente ter uma definição clara do que é o tempo. De acordo com Rosa (2018) o tempo é socialmente estruturado, neste sentido: "A estrutura da sociedade moderna depende de sua permanente dinamização, o que a projeta para um processo aceleratório infundável" Tzimunandis (2018, p.366), em entrevista ele afirma que:

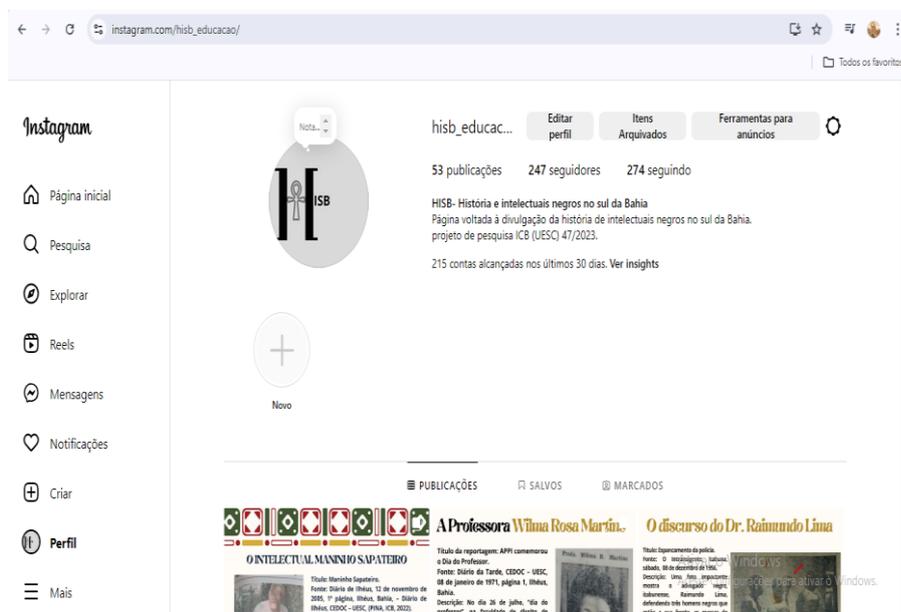
O processo de dinamização é um tipo de força totalitária, no sentido que Adorno atribui a essa noção. Por que totalitária? Porque afeta todas as esferas da vida, desde as formas de diversão, trabalho, educação, cuidado, relações de afeto e até mesmo as formas de comunicação. A classe média e as classes mais

altas internalizaram a pressão temporal, e a escassez de tempo tornou-se parte de seus habitus. (TZIMINADIS, 2018, p.376).

O ambiente virtual e sua indispensabilidade para projeção do modo de vida e cotidiano em meio ao processo expansivo da virtualização, a história pode ser acessada, feita e discutida de maneiras inovadoras. O que por um lado acaba criando novos desafios para a educação, que não se exclui dessas mudanças, intervindo por meio de mídias interativas como sites⁹, plataformas digitais¹⁰ e cinema¹¹, ampliado o alcance e o impacto, servindo também como um instrumento de disseminação do letramento racial. O mercado financeiro, os crimes virtuais e, sobretudo o tempo, possui sua dinâmica voltada aos algoritmos e dados nestes espaços, esses que por sua vez, transformam os usuários em fontes infundáveis de lucro para mercados de dados, transformando vídeos rápidos e curtos em fontes atrativas de divulgações e respostas rápidas para problemas complexos. Bloch (2001) argumenta que:

É indispensável que o historiador possua ao menos um verniz de todas as principais técnicas de seu ofício. Mesmo apenas a fim de saber avaliar, previamente, a força da ferramenta e as dificuldades de seu manejo. (BLOCH, 2001, p. 81).

Figura 01 - A página História e Intelectuais negros no sul da Bahia



Fonte: Arquivo Online¹²

⁹ VARELLA; BONALDO, 2021.

¹⁰ PACHECO et al, 2023.

¹¹ SILVA; ANDRE, 2023.

¹² Disponível em: https://www.instagram.com/hisb_educacao/ acesso em 20 ago. 2024.

Dessa forma, se por um lado à aceleração dos meios de circularidade social leva a uma dessincronização ambiental, social e econômica, o papel da então pesquisa, busca atuar a partir da ampliação e extensão nesse projeto, o letramento racial, baseada na identificação visual e acessibilidade no atual contexto em que Infográficos e legendas bem elaboradas podem simplificar conceitos complexos e alcançar pessoas que podem ter dificuldades com métodos tradicionais de ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se por meio dos resultados e discussões proporcionados entre o Grupo de Pesquisa em Política e História da Educação e a pesquisa quantitativa nos acervos documentais e qualitativa nos bancos de dados das revistas de História da Educação, intervir para um letramento racial crítico a partir da memória visual na História Digital, visando à fomentação e criticamente refletindo a inserção da lei 10.639/2003, que incluiu no currículo oficial da rede de ensino, a obrigatoriedade do tema ‘História e Cultura Afrobrasileira’.

Destaca-se a necessidade de desenvolver um letramento racial crítico por meio da memória visual na História Digital, enfatizando a importância de não apenas cumprir a legislação, mas também de fomentar uma reflexão crítica sobre a sua implementação, sugerindo abordagens com conteúdo de forma crítica e informada, como na realização de oficinas virtuais e no ambiente escolar.

Figura 02 – Oficina de cards didáticos no Centro Estadual de Educação Profissional do Chocolate "Nelson Schaun".



Fonte: Arquivo pessoal

Os *cards* didáticos corroboram com a acessibilidade e inserção da pesquisa historiográfica nos equipamentos digitais disponíveis, como no uso de inteligência artificial de coloração que serviram como importante aliado para análise de questões tão fundamentais como as características e traços fenótipos em fotografias de maioria monocromáticas.

Como os arquivos do Centro de Documentação e Memória Regional não possuem digitalização, os mecanismos digitais interativos como o da *hashtag* “paratodosverem” ou a plataforma como a caixa de acessibilidade, que possibilita a leitura virtual para pessoas cegas, são ótimos mecanismos disponíveis no desafio imposto. O projeto possibilitou uma linha interdisciplinar, dialogando com teorias e metodologias que possibilitaram uma ótica ampla para análise do tema em questão, partindo do uso das mídias digitais como uma ferramenta poderosa para a educação acessível ao aproveitar o formato visual e interativo das plataformas, através de *posts*, *stories* e *reels*, tornando possível compartilhar conteúdo educativo de forma clara, envolvente e acessível para um público amplo em um contexto de aceleração social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Marília. **A questão enunciativa na pesquisa em ciências humanas**. In: Ferreira, Tânia; Vorcaro, Angela. Pesquisa e psicanálise: Do campo à escrita (Portuguese Edition) . Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

ARAÚJO, A. de A.; SOARES, E. L. R. Identidade e relações étnico-raciais na formação escolar. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 1–14, 2019. DOI: 10.47149/pemo.v1i1.3628. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3628>. Acesso em: 15 ago. 2024.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. BURKE, Peter. História e teoria social.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

BRASIL. **Decreto nº 10639, de 09 de janeiro de 2003**. Dispõe sobre as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade datemática "História e Cultura Afro-Brasileira" e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 10 jul. 2024.

Bourdieu, Pierre, 1930–2002. **Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia** / Pierre Bourdieu, Jean-Claude Chamboredon, Jean-Claude Passeron; tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2008

DE ANDRADE LEAL, M. DAS G. Educação e trabalho; raça e classe no pensamento de um intelectual negro. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 20, n. 1, p. e123, 24 jul. 2020.

FONSECA, M. V. A arte de construir o invisível: o negro na historiografia educacional brasileira. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 7, n. 1 [13], p. 11-50, 9 fev. 2012.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cosmos de um moleiro do século XVI**. Tradução de Luiz Antonio S. S. de Oliveira. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. Apresentação. **Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para delimitação do objeto de estudo**. In: GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (Orgs.). Intelectuais Mediadores: Práticas culturais e Ação Política. 1. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

PACHECO, E. de S.; QUEIROZ, Âni M. A. de; SOARES, L. A. da S.; AYMBERÉ, R. P.; NUNES, H. C. B. Cinema negro e educação antirracista. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, [S. l.], v. 5, p. e10862, 2023. DOI: 10.47149/pemo.v5.e10862. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/10862>. Acesso em: 20 ago. 2024.

SANTOS, C. B. S. **Áfricas reelaboradas a partir da diáspora no sul baiano oitocentista**. *Histórica* (São Paulo. Online), v. 46, p. 01-10, 2011.

SANTOS, C. B. DA S. “Uma Rainha Negra entre os súditos brancos”: trajetória da intelectual negra Conceição Soares Lopes na História da Educação de Ilhéus. **Sertanias: Revista de Ciências Humanas e Sociais**, v. 4, n. 2, p. 1–23, 27 dez. 2023.

SANTOS, C. B. S. **Professores de cor na história da educação a partir da trajetória de Maria Lina das Mercês na Bahia**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2022/TRABALHO_EV174_MD1_ID13327_TB1477_01072022203128.pdf>. Acesso em: 1 maio. 2024.

SAVIANI, Demerval. Democracia, educação e emancipação humana: desafios do atual momento brasileiro. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 21, n. 3, p. 653–662, set. 2017.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11 ed. Campinas- SP: Autores Associados, 2011.

SILVA, Ivaneide Almeida. **História e Educação Religiosa em Ilhéus, 1916-1930**. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 2004.

SILVA, Marcelo Gomes da; ANDRE, L. A. **ENTRELAÇOS DE MEMÓRIA**. 2023. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - video documentário).

SIRINELLI, J. F. (2003). **Os intelectuais**. In R. Remond (Org.), *Por uma história política* (2a ed., p. 232-253). Rio de Janeiro, RJ: Editora Fundação Getúlio Vargas.

SODRÉ, Muniz. **O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional**. Petrópolis: Vozes, 2023.

TZIMINADIS, J. L. F. Modernidade dessincronizada: aceleração social, destemporalização e alienação: uma entrevista com Hartmut Rosa. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 22, n. 43, 2018. DOI: 10.52780/res.10462. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/10462>. Acesso em: 13 ago. 2024.

VARELLA, Flávia Florentino; BONALDO, Rodrigo Bragio. Todos podem ser divulgadores? Wikipédia e curadoria digital em Teoria da História. **Estudos Ibero-Americanos**, [S. l.], v. 47, n. 2, p. e38806, 2021. DOI: 10.15448/1980-864X.2021.2.38806. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/iberoamericana/article/view/38806>. Acesso em: 20 ago. 2024.

Artigo recebido em agosto de 2024. Aprovado em outubro de 2024.